

NARRATIVA COMO MÉTODO DE PESQUISA
NARRATIVE AS A RESEARCH METHOD
NARRATIVA COMO MÉTODO DE INVESTIGACIÓN

Márcio de Souza Santos *
cm_efa@hotmail.com

Carolina Gonçalves da Silva Fouraux **
mcefad@gmail.com

Valéria Marques de Oliveira ***
valeriamarques@ufrj.br

* Professor efetivo da Rede Municipal de Ensino de Limeira/SP – São Paulo - Brasil

** Professor efetivo da Rede Municipal de Ensino de Limeira/SP -São Paulo - Brasil

*** Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/RJ – Brasil

Resumo

O presente trabalho busca apresentar as experiências que os pesquisadores tiveram, empregando a narrativa pela ótica da psicologia cultural de Jerome Bruner, como método de pesquisa. A narrativa é a forma pela qual as pessoas organizam suas vivências mentalmente para externalizá-las, seja pela fala verbal, gestual ou outra. Como forma de pesquisa, a narrativa permitiu compreender a importância do ouvinte e como esta afeta a construção da narrativa de quem narra. Outra característica da narrativa é a possibilidade de considerar outros aspectos do ambiente que influenciam no estudo. Espera-se que os exemplos utilizados das experiências adquiridas contribuam para aqueles que pretendem utilizar a narrativa como método de pesquisa e para aqueles que gostariam de conhecer a história de vida de um determinado grupo ou sujeito, possam considerar esse método como possibilidade.

Palavras-Chave: narrativa, diálogo, ouvinte.

Abstract

The present work seeks to present the experiences that the researchers had, employing the narrative from the perspective of the cultural psychology of Jerome Bruner, as research method. Narrative is the way in which people organize their experiences mentally to externalize them, either by verbal, gestural or other speech. As a form of research, the narrative allowed to understand the importance of the listener and how it affects the construction of the narrative of the narrator. Another feature of narrative is the possibility of considering other aspects of the environment that influence the study. It is hoped that the examples used from the experiences gained will contribute to those who intend to use narrative as a method of research and for those who would like to know the life history of a particular group or subject, may consider this method as a possibility.

Keywords: narrative, dialogue, listener.

Resumen

El presente trabajo busca presentar las experiencias que tuvieron los investigadores, empleando la narrativa desde la perspectiva de la psicología cultural de Jerome Bruner, como método de investigación. La narrativa es la forma en que las personas organizan sus experiencias mentalmente para externalizarlas, ya sea mediante el habla verbal, gestual o de otro tipo. Como una forma de investigación, la narrativa permitió comprender la importancia del oyente y cómo afecta la construcción de la narrativa del narrador. Otra característica de la narrativa es la posibilidad de considerar otros aspectos del entorno que influyen en el estudio. Se espera que los ejemplos utilizados a partir de las experiencias obtenidas contribuyan a aquellos que pretenden utilizar la narrativa como método de investigación y para aquellos que deseen conocer la historia de vida de un grupo o sujeto en particular, pueden considerar este método como una posibilidad.

Palabras clave: narrativa, diálogo, oyente.

INTRODUÇÃO

Em 2016 um dos autores do presente estudo concluiu sua dissertação intitulada “Narrativa de um atleta de bocha paralímpica: ouvindo os que não falam” (SANTOS, 2016). Esse tema surgiu da bagagem prévia que este possuía sobre a bocha paralímpica, adquirida na graduação em educação física, estudando e trabalhando como árbitro, treinador e pesquisador desse esporte. No mestrado o interesse voltou-se para os atletas mais comprometidos fisicamente e a narrativa de Jerome Bruner (1997) se mostrou uma aliada no processo de construção de diálogo com o sujeito da pesquisa. No presente trabalho o foco será nas experiências dos autores usando a narrativa como método de pesquisa. O leitor que se interessar pela pesquisa como um todo, poderá consultá-la no formato de artigo, publicada em 2017 (SANTOS; FOURAUX; OLIVEIRA, 2017).

NARRATIVA

A narrativa é considerada em termos de elementos verbais, não verbais e contextuais. Ela decorre de um processo interativo, logo é uma expressão do ser em interação. Cada narrador utiliza de capacidades e habilidades próprias, e o encontro dialógico é possibilitado quando ambos interlocutores compartilham de elementos comuns de construção e interpretação da realidade. Neste momento podemos identificar comunicação efetiva, pois compartilham algum aspecto perceptivo que os habilita a ação.

Este argumento é importante, principalmente para o pesquisador ou profissional que valoriza o encontro. Quando se considera importante a narrativa do sujeito, busca-se ações que valorizem sua própria enunciação, ou seja, o pesquisador vai ao encontro do seu interlocutor respeitando sua capacidade e habilidade de construção narrativa. Ao invés de partir de sua própria capacidade e habilidade narrativa, organiza sua percepção-ação de modo a reconhecer e valorizar o outro em sua essência. Isto torna-se mais claro nos narradores que não utilizam predominantemente os canais verbais, ou pelo menos, a não primazia da narrativa oral, por exemplo: bebês, pessoas não-oralizadas; pessoas com deficiência intelectual com grande comprometimento cognitivo, entre outros.

Quanto ao ser humano, Bruner (1996, 1997, 2003, 2007) articula a narrativa como um princípio “pelo qual as pessoas organizam sua experiência no mundo social, seu conhecimento sobre ele e as trocas que com ele mantêm” (BRUNER, 1997, p. 41). Esse autor acredita que existam dois tipos de pensamento: aquele sistematizado, acadêmico, científico e o outro, mais subjetivo, romantizado, que se

mistura ao senso comum chamado narrativa, mas isso não significa que um seja mais importante que o outro. Pelo contrário, em uma passagem esse autor diz:

Há uma deformação curiosa na acusação de que “o que as pessoas dizem não é necessariamente o que elas fazem”. Ela implica que o que as pessoas fazem é mais importante, mais “real”, do que o que elas dizem, ou que esta última categoria é importante apenas pelo que pode revelar a respeito da primeira (BRUNER, 1997, p. 26).

A narrativa pode ser estudada por diferentes sustentações teórico-metodológicas e com isto valorizar diferentes aspectos. Em nosso caso, privilegiamos a ampliação do conceito de narrativa, começamos este movimento passando pela Psicologia cultural e narrativa de Bruner (1997, 2003) até estudarmos a Biosemiótica. A Biosemiótica é um elemento importante para a ampliação da compreensão do conceito narrativo dialógico, pois discute a questão pensamento e linguagem, os processos comunicacionais, para além da espécie humana (PIMENTA, 2016).

Para este artigo, nos centramos no uso de lente/escala do olhar fluido na análise narrativa (MARQUES, 2005) das interações humanas, não importa se ficcional ou não. Bruner e Haste (1990) realçam a elaboração de sentido decorrente do processo social dentro do contexto sociohistórico e cultural. O modo como as pessoas percebem e agem no mundo podem ser observados nas narrativas. Suas narrativas representam a constituição do seu si mesmo (BAKHURST; SHANKER, 2001).

Para Vygotsky (2000[1929]), a história de uma pessoa é construída e reconstruída através das relações que se estabelecem com as outras pessoas e com o ambiente em que se vive. A história de vida não é apenas o registro dos fatos, ela é um fluxo constante de interação externa e interna. Nas palavras de Vieira e Henriques (2014, p. 164), “através dos outros constituímos-nos”. A “abordagem dialética geral das coisas” (VYGOSTKY, 2000[1929], p. 23) é um dos pilares para a construção da história de uma pessoa, ou seja, ao dialogar, as pessoas se modificam, modificam os outros e o ambiente em que vivem, num círculo psicocultural.

Nesse contexto, o termo diálogo ultrapassa a conversa verbal entre duas pessoas, pode-se entendê-lo como qualquer interação entre pessoas e/ou coisas. Esse efeito é uma via de mão dupla, modifica tanto o ambiente como os agentes envolvidos. O diálogo, nesse aspecto, foi de grande importância para a pesquisa de dissertação, visto que o sujeito de pesquisa no mestrado era uma pessoa que não podia falar, seja oralmente ou pela língua de sinais, devido à deficiência física que possuía (voltaremos a esse assunto posteriormente), assim o objetivo era criar estratégias para que o diálogo fosse possível, dada a importância do diálogo na construção de uma história de vida e na relação interpessoal.

Foi dito que o diálogo é a forma com que as pessoas absorvem o que está no mundo externo para o seu mundo interno, nesse contexto a narrativa seria a exposição desse mundo interno, repleto de coisas que foram absorvidas, ressignificadas, transformadas e externalizadas novamente, para que outra pessoa possa fazer o mesmo processo, mas também para que, nessa externalização haja uma organização inteligível para seu receptor. Assim, quando externalizamos algo, também o transformamos pelo simples ato de organizar de uma forma aceitável para o receptor. Nas palavras de Dutra:

[...] o ato de contar e ouvir uma experiência envolve um estar-com-no-mundo, uma relação de intersubjetividades, que se dá num universo de valores, afetos, num passado que se articula com o presente e apoiado numa situação que reflete, revela, conserva e transcende o mundo em que esses personagens estão inseridos (DUTRA, 2002, p. 374).

A narrativa é produzida através da negociação e mediação dos signos e “instrumentos que operacionalizam toda atividade do ser humano” (SANTOS, GONÇALVES, ARAGUSUKU, ANDRADE, 2016, p. 107). Bruner (1997) apresenta cinco características da narrativa: sequencialidade única, formulada por quem narra para o receptor; indiferença factual: não importa se o que é narrado é real ou fantasia, a importância está na construção do que é narrado; forma singular de manejar afastamentos do canônico: quando algo não tem explicação ou essa não é válida para as regras da sociedade que o narrador e ouvinte estão inseridos, a narrativa trata de ajustar aquilo para que se torne aceitável no contexto; qualidade dramática: para se narrar é preciso de um ator, uma ação, uma meta, um cenário e um instrumento; paisagem dual: enquanto o narrador conta sua história e pode-se observar essa externalização, existem eventos mentais acontecendo simultaneamente – e eles dialogam, construindo uma história não apenas para quem ouve, mas para o próprio narrador” (SANTOS; FOURAUX; OLIVEIRA, 2017, p. 10).

NARRATIVA NO CONTEXTO INVESTIGATIVO

A concepção da narrativa está intimamente relacionada com sua aplicação como metodologia investigativa. Valorizamos o movimento, a negociação, a atualização presente na interação, mesmo que presente no encontro pesquisador e sujeito participante da pesquisa. O pesquisador não é isento da dinâmica que compõe o processo narrativo. É uma via de mão dupla, da mesma forma que interpreta o narrador, este também faz seus ajustes a partir do que observa de seu interlocutor. Assim sendo, não há neutralidade no pesquisador, ele precisa observar a si mesmo também para conseguir analisar a construção narrativa do outro. Esta observação é chamada de segunda ordem, torna-se necessário revelar sua matriz operatória de pensamento e investigar também seus pontos de vista e pontos cego

(MARQUES, 2005) a respeito da temática investigada presentificada no processo narrativo. O processo narrativo não é fruto apenas do interior do narrador, mas ele se organiza no encontro, no entre narrador, narratário e contexto espaço-temporal (inclui-se os aspectos sócio-históricos culturais).

Antes de escolher o desenho da pesquisa, há de se considerar estes fatores. Cada escolha está atrelada a postulados epistemológicos e ideológicos que influenciam o aspecto pragmático da ação a ser deflagrada. Valorizamos os aspectos dinâmicos da pesquisa narrativa (CLANDININ; PUSHER; ORR; MURRAY, 2007). A perspectiva interacionista construtivista influencia nossa base. Assim sendo, enalteçemos a processo dialógico e relacional, numa via de mão dupla, mutuamente influenciáveis.

O pesquisador preparado, atento e sensível através da narrativa dialógica favorece o desenvolvimento não apenas do sujeito participante da pesquisa, mas de si própria. É uma oportunidade para atualizar-se.

Além dos instrumentos conhecidos de coleta de dados da narrativa, tais como entrevista e questionários, quando valorizamos e desejamos captar outras produções narrativas que não verbais, precisamos alargar nossa metodologia. A observação de detalhes nos textos não verbais pode trazer elementos para análise que contribuem para a compreensão ou inferência do processo de construção de sentido realizado. Para tanto, não há regras fechadas, o modo de coletar e analisar está relacionado com o processo a ser investigado. O pesquisador precisa ter o domínio teórico-metodológico para escolher o modo mais apropriado, que levante melhores possibilidades de resultados. Respeitar a autoria de pensamento do outro e de si mesmo, isto indica a emancipação, pois cada pessoa é respeitada em sua essência. Com um clima de confiança e amistosidade, a pessoa se sente segura para explorar a si e ao mundo. A atividade de cada elemento está presente no encontro que viabiliza a pesquisa.

Todavia, há um exercício exigido do pesquisador na ampliação de sua percepção, mais do que apenas registrar e descrever. A construção de sentido tende a ser auto-referente, e a interação pode trazer atualização a esta construção, impedindo de tornar-se rígida, morta. Ao ler e interpretar os dados, há paralelamente um autoquestionamento por parte do pesquisador interlocutor do quanto sua interlocução influenciou no processo investigativo, e de quanto este processo o influenciou a si mesmo, e implica abrir-se para o diálogo com o coletivo.

NARRATIVA COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA

Para entender o processo de construção dessa metodologia é importante ressaltar que a narrativa, pela ótica da psicologia cultural de Jerome Bruner (1997), é um instrumento de pesquisa relativamente

novo, embora seja possível citar alguns exemplos, como o trabalho com adolescentes de Santos, Gonçalves, Aragusuku e Andrade (2016) e o trabalho com pessoas com deficiência de Santos, Fouraux e Oliveira (2017). Em 1997, Bruner (1997, p. 26) já sugeria que devia-se estudar a narrativa: “é curioso que haja tão poucos estudos indo na outra direção: como as pessoas de fato revelam o que elas pensam, ou sentem, ou acreditam?”.

Dutra (2002) também fala sobre a narrativa como método de pesquisa: “a consonância com tal modo de pensar a experiência e a narrativa como a sua expressão, levam-nos a eleger a narrativa como uma técnica metodológica apropriada aos estudos que se fundamentam nas idéias fenomenológicas e existenciais” (p. 374). Assim como Jovchelovitch e Bauer (2002) categorizam a narrativa como uma forma de pesquisa qualitativa.

É preciso um exercício dialógico do pesquisador consigo mesmo, para que não interfira negativamente na qualidade do encontro com seu interlocutor. Utilizar a metacognição ou outra ação que favoreça a reversibilidade e recursão colaboram no processo. A seguir, algumas indagações possíveis:

- Qual é o tema de investigação proposto e como aparece na narrativa do sujeito pesquisado? O tema aparece explicitamente, implicitamente ou não aparece? Qual é o enredo principal na narrativa do sujeito? Que tipo de mensagem foi transmitida? De que modo? O que me provoca o movimento narrativo do sujeito? Enquanto pesquisador, como interajo com o sujeito participante da pesquisa e com o narrado?
- Como a narrativa é organizada e explicitada? Como se processa o contexto espaço-tempo, de modo linear, de modo não-linear, mais focado no presente, passado ou futuro? O tempo presente na narração é o cronológico ou psicológico? Quais recursos como pesquisador, utilizo para acompanhar esta organização? Como eu me organiza?
- Há indícios conflitivos quanto a coerência interna, entre texto verbal e não verbal? Qual é o clímax? Como a narrativa se inicia e conclui temas? Como o silêncio aparece na narrativa, de modo natural ou desconfortante, como lapso de memória, como incômodo, como reflexão? Como pesquisador, como lido com o modo, movimento e ritmo do narrador? Qual importância percebo no uso destes recursos? Também utilizei(o) nesta situação? Como?
- O ambiente do encontro entre o pesquisador e o sujeito pesquisado aparece na narrativa? Interfere de alguma forma? Qual atuação nesta situação? Quais cuidados éticos foram necessários? Houve alguma intercorrência ou poderia haver? Quais estratégias foram usadas ou podem ser usadas?

- Alguma cena ou personagem narrado despertou no pesquisador algum pensamento, sentimento ou motivação? Qual foi a reação no momento e agora? Algum trecho me remontou a (con)vivências pessoais? Em caso afirmativo, percebi no momento ou depois na transcrição das narrativas? Como considero esta reação?
- Qual posição o narrador assume em sua narrativa? Ele se implica ou narra de modo distanciado? Qual era a minha expectativa inicial, ela se confirmou? Há marcos de mudança ou de desequilíbrio em determinada posição assumida? A que isto me remete? Como eu percebo este processo? Como foi minha mediação na interação? Como avalio este encontro para os participantes? Chequei com eles?

O pesquisador assume o lugar do não-saber, questiona sentidos, indaga o óbvio numa posição de humildade, respeito e interesse ao outro. Este outro presente na narrativa dialógica, pode delinear-se a partir de dentro de si mesmo nos diferentes eus, do interlocutor direto, participante da pesquisa, ou do interlocutor extensivo, na figura de um orientador ou parceiro de pesquisa. Com respeito ao outro, no exercício de alteridade ao reconhecer o outro como semelhante e se permitir aberto ao encontro, o pesquisador abre mão da posição estática de quem ensina para a posição dialógica e dialética de quem ensina-aprende, Dussel (1986, 2002) propõe a pedagogia analética da libertação.

A formação de pesquisador não é meramente teórica, o pesquisador precisa conhecer-se melhor e estar aberto a se atualizar enquanto profissional e enquanto pessoa.

Tudo depende disso. Por isso, essa pedagógica analética (não somente dialética da totalidade ontológica) é da libertação. A libertação é a condição para o mestre ser mestre. Se é um escravo da totalidade fechada, nada pode realmente interpretar. O que lhe permite libertar-se da totalidade para ser a si mesmo é a palavra analética ou magistral do discípulo (seu filho, seu povo, seus alunos: o pobre). Esta palavra analógica abre-lhe a porta da sua libertação; mostra-lhe qual deve ser seu compromisso pela libertação prática do outro (DUSSEL, 1986, p. 210).

O pesquisador está implicado desde a escolha do tema investigado. Ele interroga a si próprio sobre seus pensamentos, sentimentos e motivações e disponibiliza-se para o diálogo, para poder investigar o pensamento, sentimento e motivação do outro. Nem toda pesquisa chega à emancipação e libertação, mas é uma oportunidade para tal.

É preciso atenção ao conteúdo manifesto e latente. O primeiro se ocorre às vezes de modo transparente, quase uma verdade inquestionável, indo ao encontro com facilidade às crenças do pesquisador. As teorias prévias podem enviesar a análise e os pré-conceitos ou conceitos naturalizados são exemplos destas situações. A atenção ao conteúdo latente se dá, em momentos que o sentido não se

mostra diretamente, aparece cifrado ou encoberto tanto ao participante da pesquisa quanto ao pesquisador.

O pesquisador começa seu trabalho mergulhando nos dados, inundando com as informações coletadas. Neste reencontro, pode anotar o impacto do reencontro com os dados gerais, os *insights*, os questionamentos, perceber regularidades e diferenças etc.

Mesmo a transcrição é totalmente objetiva e imparcial. O pesquisador precisa estar atento como escolhe e como significa o transcrito. Por exemplo, o silêncio também pode ser carregado de sentido, e por vezes a qualidade da interação no momento e as influências do não-dito importam. É preciso contextualizar o silêncio para sugerir seus sentidos. O pesquisador se percebe ser humano em processo, atravessado por questões sóciohistóricas e pessoais. O pesquisador integra simultaneamente a comunidade científica e a comunidade leiga.

Denunciando o velho, ana-dia-leticamente já anuncia o novo. Humanizando-se, não o faz por meio de mônadas isoladas umas das outras, mas por intermédio de subjetividades coletivas, organizadas e criticamente conscientes de seu papel histórico. Eis o desdobramento teórico-prático que só a libertação é capaz de fomentar, retirando da emancipação sua significação de melhor alternativa à totalidade vigente (PAZELLO; MOTTA, 2013, p. 139-140).

É um caminhar cheio de energia, com idas e vindas, harmonia e conflito, confirmações e refutações, mas, basicamente com questionamentos.

Em outras palavras, você começa observando as diversas partes elementares interligadas entre si. Então você agita-as ap acaso e destrói ligações entre elas, criando assim mais desordem. Mas esta desordem adicional pode ser vista com mais complexidade (até um certo ponto, se o sistema continua a funcionar). Isto quer dizer que as conexões entre os elementos foram re-organizadas e são vistas agora, no nível mais integrado, como a formação de uma nova organização com menos conexões. Esta condição de possuir menos conexões significará apenas mais desordem, se a nova organização não funcionar. Mas significará complexidade se ela funcionar de alguma forma (ATLAN, 2014, p112).

Se pesquisar é estudar o novo, a pergunta, o desconhecido é fundamental. O pesquisador com rigidez de pensamento será alvo fácil para criar viés nos dados. Questionar sua matriz operatória e sua aplicabilidade ao longo do processo, pode render-lhe bons frutos, novas direções. Analisar os dados é explorar pontos de encontro e diferenciações.

Se você quiser fazer distinção entre um elemento e outro, então você os examina, um de cada vez, e tenta identificar algumas propriedades que os torne diferentes entre si. Mas quando os mesmos elementos são colocados juntos para produzir uma unidade mais

integrada, então essas mesmas características, que ajudam a distinguir um do outro, tornam-se a origem do vínculo que os une e que os transforma em uma unidade mais integrada. Assim, sempre que vamos de um nível, parece que somos forçados a mudar nosso ponto de vista: deixamos de observar as características dos elementos individuais, de uma forma que nos ajuda a distingui-los um do outro, e passamos a observar essas mesmas características, mas agora para ver como eles são associados a fim de criar o novo nível de organização (ATLAN, 2014, p. 113).

Ordem e Caos, elementos importantes no processo de construção de conhecimento. A pesquisa busca sistematizar um conhecimento para que possa ser mais facilmente compartilhado e discutido. A força de uma pesquisa é testada no quanto suas proposições colaboram para responder velhas perguntas e elaborar novas. O conceito formulado é aplicado para facilitar a apreensão do fenômeno. Todavia, o Caos também tem sua contribuição. Quando o pesquisador se inquieta com o naturalizado e propõe novos elementos ou novas perspectivas, abre para novas possibilidades. Explorar novas organizações e ousar pensar outros modelos pode causar desconforto e mal-estar inicialmente, mas possibilita ao pesquisador observar por diferentes ângulos, inclusive alguns que não seriam escolhas espontâneas suas. Ter coragem de fazer perguntas volta-se para o próprio pesquisador, pois ele não é figura inócua no processo. Fazer novas perguntas, introduzir desafios, desequilibrar o naturalizado são ações que atravessam o pesquisador na direção de sua investigação. Para romper com a mesmice, há de se ter coragem de ousar, de revolucionar perspectivas e não apenas ajustá-las ou reformá-las. É preciso sentir ansiedade diante do desconhecido, vivenciar posições incômodas para se chegar a uma outra configuração e apreensão do fenômeno.

Usar um recurso que permita ao pesquisador voltar ao material coletado por diferentes ângulos, com diferentes recortes e em diferentes níveis é um exemplo da aplicação do olhar fluido. A interpretação dos dados não é a repetição de sua descrição, é a exploração de sentido, é a provocação de tensão resultante do encontro entre questão investigativa corporificada no participante da pesquisa, interlocutores convidados (proposições teóricas em diálogo) e perspectiva do pesquisador (ATLAN, 2014).

Para finalizar, todos o processo de construção de conhecimento é para circular. O conhecimento científico não é para permanecer restrito aos ambientes escolares. A pesquisa tida como uma prática relacional prevê os participantes da pesquisa e os leitores dos resultados como interlocutores, participantes relacionais (GERGEN; GERGEN, 2010). O pesquisador compromete-se também com a construção de pontes discursivas, de focos de aproximação que favoreçam a circulação e o debate do conhecimento.

PESQUISA NARRATIVA JUNTO A UM ATLETA DE BOCHA PARALÍMPICA QUE NÃO ORALIZA

Nesse ponto será abordada a estrutura metodológica construída na dissertação e a experiência em fazer pesquisa usando a narrativa como instrumento.

Considerando que o sujeito da pesquisa mencionada não podia falar verbalmente, nem por língua de sinais, a pesquisa teve as seguintes etapas: narrativa abstraída pelo contato presencial, narrativa abstraída por Seleção Fotográfica, narrativa abstraída por meio digital e narrativa abstraída através de conversa por e-mail. Abaixo estão alguns pontos de destaques escolhidos pelos pesquisadores:

O sujeito pesquisado normalmente esperava sua mãe responder por ele, já que a mesma sempre esteve presente pela necessidade de cuidado que o sujeito necessitava e pela dificuldade de se estabelecer um diálogo com o mesmo. Mas os autores não queriam receber a narrativa pelo intermédio da mãe, visto a importância que a literatura estudada diz ter o processo de externalizar e organizar sua história de vida para outra pessoa.

Em virtude da participação na cultura, o significado é tornado público e compartilhado. Nosso meio de vida culturalmente adaptado depende da partilha de significados e conceitos. Depende igualmente de modos compartilhados de discurso para negociar diferenças de significado e interpretação (BRUNER, 1997, p. 23).

Então os autores foram até a casa do sujeito e, progressivamente nos encontros, pediram delicadamente que a mãe e a avó não interferissem naquilo que o sujeito queria dizer. Este usava o computador para se comunicar, com um botão acoplado do lado da sua cabeça, ele via as letras do alfabeto passarem em um programa e quando queria uma letra específica, ele movimentava a cabeça lateralmente, clicando no botão. Sem usar os conectivos, o sujeito escolhia as palavras com mais significado. Embora existam outras formas de comunicação alternativa e ampliada, por escolha e/ou falta de contato com estes, o sujeito não as utilizava.

Os pesquisadores conheciam anteriormente o sujeito pesquisado, por isso, sabiam que ele era ativo nas redes sociais, principalmente através de fotos, por isso pediram nos encontros presenciais que o sujeito pesquisado escolhesse algumas fotos que pontuassem momentos importantes na vida dele, e que falasse um pouco sobre elas. Foram escolhidas 13 fotos, tendo como tema principal bocha paralímpica (esporte praticado pelo sujeito e que o fez conhecer os pesquisadores), família nuclear, família extensa, religião e cultura. Para cada uma delas o sujeito escreveu frases que continham palavras como “bocha bom minha vida”.

Nesse ponto é importante destacar a importância que a narrativa dá à pessoa que interage, nesse caso, os pesquisadores. Ao permitir que o pesquisador faça parte da pesquisa, não apenas como um coletor de dados, mas dizendo quais foram suas percepções e sentimentos durante a narrativa, isso permite um conhecimento menos superficial sobre a história de vida do outro. Durante o processo de digitação do sujeito era possível ver suas expressões, perceber quando a frase escrita fazia-o recordar algo triste, feliz, que às vezes ele não podia expressar nas poucas palavras digitadas. A possibilidade de o pesquisador ter voz na pesquisa também foi importante para perceber que apenas pela presença deste o ambiente é modificado, no caso relatado, o sujeito que narrava em alguns momentos escolheu fotos da bocha paralímpica, que possivelmente seriam escolhidas de qualquer forma, visto que o sujeito é atleta desse esporte, mas, ele procurou a foto em que apareciam os pesquisadores trabalhando como árbitros, mostrando o que Bruner (1997) disse em relação à paisagem dual e ao manejo para afastamentos do canônico, ao procurar fotos de momentos marcantes da vida o sujeito buscou estabelecer uma conexão com os pesquisadores, ou seja, relacionou aquelas “visitas” à sua casa com o contato anterior que tiveram no esporte. Mostrando como o pesquisador, querendo ou não, exerce influência no resultado da pesquisa, principalmente ao se estabelecer um diálogo. Nas palavras de Dutra:

A narrativa contempla a experiência contada pelo narrador e ouvida pelo outro, o ouvinte. Este, por sua vez, ao contar aquilo que ouviu, transforma-se ele mesmo em narrador, por já ter amalgamado à sua experiência a história ouvida. [...] Através da narrativa, podemos nos aproximar da experiência, tal como ela é vivida pelo narrador. A modalidade da narrativa mantém os valores e percepções presentes na experiência narrada, contidos na história do sujeito e transmitida momento para o pesquisador. O narrador não “informa” sobre a sua experiência, mas conta sobre ela, dando oportunidade para que o outro a escute e a transforme de acordo com a sua interpretação, levando a experiência a uma maior amplitude, tal como acontece na narrativa (DUTRA, 2002, p. 374).

Outra forma que os autores consideraram pertinente para conhecer a história de vida do sujeito pesquisado, dadas as condições de comunicação mencionadas, foi através das postagens do sujeito nas redes sociais, que somam mais de quatro mil fotos publicadas pelo pesquisado. Os pesquisadores escolheram algumas fotos que foram mais comentadas, compartilhadas e “curtidas” para conversar com o sujeito sobre elas. O resultado foi bastante interessante para acrescentar momentos importantes da vida do sujeito na narrativa, que talvez ele não tenha mencionado por não achar relevantes para os pesquisadores ouvintes de sua narrativa ou, subtraiu-os por outro motivo. Esse ponto mostra como a narrativa, assim como diz a literatura referenciada é uma negociação de “saberes”, de histórias. O sujeito pesquisado, em sua “paisagem dual” (BRUNER, 1997) construiu a narrativa que ele considerava interessante para aqueles que o ouviam. Após absorver e resignificar a narrativa do sujeito, os

pesquisadores devolveram essa narrativa, na forma de outras questões, que entraram ou não na narrativa do sujeito. No caso negativo, por exemplo, foi perguntado sobre as fotos antes da fase adulta do sujeito, quando ele não era atleta de bocha, e a resposta foi simplesmente “NÃO”, mas muito mais que um simples não, a expressão, os ruídos, a forma que ele escreveu esse não com letras maiúsculas (o que é mais complicado para ele que têm apenas um botão para realizar vários manuseios no computador) demonstraram que o incomodava falar daquela fase da sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa como método de pesquisa, do ponto de vista sociohistórico e sob a ótica da psicologia cultural de Bruner, parece ser uma forma interessante de não “esconder” o pesquisador. Melhor que isso, de não ocultar informações relevantes que poderiam fazer parte da pesquisa, na busca de entender melhor como as pessoas constroem suas narrativas, tentando fazer parecer neutro o que não é. Visto que a escolha de se pesquisar uma coisa ou outra, uma pessoa ou outro grupo, de usar um método ou outro, faz parte de fatores sociais, culturais, psicológicos, intelectuais, de tempo, espaço, condições financeiras entre outros. Considerar esses fatores e, principalmente, mostrar claramente que eles tiveram papel importante na pesquisa pode facilitar novos estudos que envolvam a interação interpessoal e a forma como internaliza-se as narrativas dos outros, como elas existem dentro de cada um e como ela é reorganizada e ressignificada antes de ser narrada novamente.

Estudar o processo narrativo é ir além da aparência, além do dito e aprofundar na constituição do sujeito em relação. O ser humano é atravessado pela cultura, sua narrativa é construída no processo de sua constituição enquanto singularidade e coletividade.

Os pesquisadores sabem que o exemplo de pesquisa usado é peculiar, visto que o sujeito pesquisado também possuía aspectos específicos de comunicação, mas espera-se que esse trabalho seja proveitoso para os leitores que buscam empregar a narrativa como forma de pesquisa.

Para os pesquisadores que trabalham com pessoas com deficiência física, intelectual e/ou transtornos, onde os sujeitos pesquisados possuem a fala comprometida, espera-se que esse trabalho tenha contribuído na busca de escolher métodos que permitam que os mesmos possam se expressar, sem o intermédio de outras pessoas, construindo suas próprias narrativas.

A construção narrativa da realidade não é estática, ela se atualiza no ser vivente, com isto novos posicionamentos podem ser construídos. Esta concepção aponta para a indissociabilidade entre razão e emoção, entre percepção e ação. Ela aponta para a dinâmica e a dialética da vida. O sujeito aceita arriscar-se e defrontar com o desconhecido quando aceita viver plenamente. Busca perceber não apenas

o exterior, mas o seu movimento interior também, com igual relevância. A harmonia e o conflito são aceitos como parte do processo. O sujeito confronta-se com seu não-saber, com a ansiedade do novo como enquanto possibilidades de desenvolvimento e não como fracasso.

Ainda há muito a ser estudado sobre narrativa enquanto proposta epistemológica, teórico-metodológica que considere o verdadeiro encontro. A ampliação conceitual da narrativa está atrelada a este aprofundamento teórico e prático. A ruptura com a ordinalidade e a valorização da subjetividade tem um preço na academia, aceitamos este desafio e estamos caminhando para verificar e construir sua base. A sensibilidade e a intuição do pesquisador ao invés de serem repelidas, precisarão ser refinadas.

O pesquisador ao aplicar o olhar fluido sobre si, observação de segunda ordem, pode utilizar dos processos metacognitivos para refletir sobre seu processo investigativo.

Referências

- ATLAN, H. As finalidades inconscientes. In THOMPSON, W. I. (org.) Gaia: uma teoria do conhecimento. São Paulo: Gaia, 2014.
- BAKHURST, D.; SHANKER, S. G. (ed.) Jerome Bruner: Language, Culture, Self. London: Sage, 2001
- BRUNER, J. Cultura da educação. Coleção Ciências do homem. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1996.
- _____, J. Atos de significação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____, J. La fábrica de historias. Derechos, literatura, vida. Mexico: FCE, 2003.
- _____, J. Concepciones de la Infancia: Freud, Piaget y Vygotsky. In Acción, pensamiento y lenguaje. Alianza Psicología: Madrid, 2007.
- _____, J.; HASTE, H. La elaboración del sentido: la construcción del mundo por el niño. Serie Cognición y Desarrollo Humano. 20. Paidós. Barcelona, 1990.
- CLANDININ, D.; PUSHER, J.; ORR, D.; MURRAY, A. Navigating sites for narrative inquiry. Journal of Teacher education. ERIC. V.58, n.1, p.21-35, 2007
- DUSSEL, E. D. Método para uma filosofia da libertação: superação analética da dialética hegeliana. Tradução de Jandir João Zanotelli. São Paulo: Loyola. 1986.
- DUSSEL, E. D. Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DUTRA, E. A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. Estudos de Psicologia, v. 7, n. 2, p. 371-378, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf>>. Acesso em: 10 julho 2019.
- GERGEN, M. M.; GERGEN, K. J. Investigação qualitativa: tensões e transformações. In DENSIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. et cols. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.
- PIMENTA, F. J. P. Biosemiótica como nova fronteira e sua aplicação na Comunicação Ambiental. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 37, p. 132-151, set/dez. 2016. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/311863676_

Biosemiotica_como_nova_frenteira_e_sua_aplicacao_na_Comunicacao_Ambiental_Biosemiotics_as_new_frontier_and_its_application_in_Environmental_Communication>. Acesso em março de 2019.

SANTOS, R. C.; GONÇALVES, M. M.; ARAGUSUKU, H. A.; ANDRADE, D. B. S. F. Notas sobre a narrativa como instrumento de intervenção em contexto de saúde infantojuvenil. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador, v. 01, n. 01, p. 104-117, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2524/1709>. Acesso em 15 julho 2019.

SANTOS, M. S. Narrativa de uma atleta de bocha paralímpica: Ouvindo os que não falam. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Rural Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível pelo correio eletrônico: cm_efa@hotmail.com.

SANTOS, M. S; FOURAUX, C G S; OLIVEIRA, V M. Narrativa de um atleta de bocha paralímpica: ouvindo os que não falam. Mental vol.11 no.20 Barbacena jan./jun. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272017000100010. Acesso em 15 julho 2019.

VIEIRA, A. G.; HENRIQUES, M. R. A construção narrativa da identidade. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 27, n. 1, p. 163-170, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722014000100018. Acesso em 12 julho 2019.

VYGOTSKY, L. S. (2000). Lev S. Vigostski: Manuscrito de 1929. Educação & Sociedade, 71, 21-44. (Original publicado em 1929). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302000000200002&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 12 julho 2019.

Recebido em: 08/09/2019

Aceito em: 30/11/2019

Endereço para correspondência:

Nome: Márcio de Souza Santos

Email: cm_efa@hotmail.com



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).